

**O PROBLEMA DA CHAMADA ORAÇÃO SUBORDINADA
SUBSTANTIVA AGENTE DA PASSIVA EM PORTUGUÊS
ANÁLISE E REFUTAÇÃO**

Acácio Luiz Santos (UFF)
santosacacioluiz@yahoo.com.br

RESUMO

Este trabalho investiga a questão da oração subordinada substantiva agente da passiva em português. Ele aponta três problemas da oração estudada: o conflito com a definição mais ampla de “oração subordinada substantiva”; a anomalia sintática do termo conector; e a falha análoga decorrente da transposição vocal, em orações subordinadas substantivas objetivas diretas. Concluindo, ele afirma a inviabilidade de tal oração, na forma com que é tradicionalmente dada, em português, e propõe uma terminologia que leve os problemas levantados em consideração.

Palavras-chave:

Subordinação; Agente da Passiva; Sintaxe; Terminologia; Português

INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende examinar a assim chamada oração subordinada substantiva agente da passiva em português, procurando demonstrar alguns problemas que tornam tal terminologia impraticável e apontar uma alternativa capaz de dar conta de sua particular dinâmica sintática. Para realizá-lo, examino sua definição tal como é dada na influente gramática dos professores Celso Cunha e Lindley Cintra; a seguir, discuto os problemas decorrentes de tal definição; finalmente, e a partir de pistas dos próprios autores citados, procuro formular uma alternativa. Com isto, espero contribuir para os estudos sintáticos e terminológicos da gramática de língua portuguesa.

UMA DEFINIÇÃO PROBLEMÁTICA

No capítulo 18 de sua *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, sobre “O período e sua construção”, ao tratarem das orações subordinadas desenvolvidas, Cunha & Cintra fornecem a seguinte definição para a oração objeto deste trabalho:

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

As ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS vêm normalmente introduzidas pela CONJUNÇÃO INTEGRANTE *que* (às vezes, por *se*) e, segundo o seu valor sintático podem ser:

(..)

7. AGENTES DA PASSIVA, quando exercem a função de agente da passiva:

– As ordens são dadas / **por quem pode**. (F. Namora, *NM*, 215.)

Observação: As orações que desempenham a função de agente da passiva iniciam-se por pronomes indefinidos (*quem, quantos, qualquer* etc.) precedidos de uma das preposições *por* ou *de*. (Cunha & Cintra, 2001, p.600-1)

A definição acima evidencia um primeiro problema: a discrepância entre o conceito universal (as orações subordinadas substantivas desenvolvidas) e o particular (a oração subordinada substantiva agente da passiva); quanto à natureza do conectivo: naquele, conjunção integrante; neste, pronome indefinido. Poder-se-ia imaginar que, na parte referente às classes de palavras, os autores forneceriam, porventura, elementos para elucidação desta passagem, mas uma breve consulta à seção “Pronomes indefinidos” (p. 356-67) revelou uma ausência total de menção ao emprego destes como conectivos introdutores de orações subordinadas substantivas agentes da passiva. Por sua vez, quanto às “Conjunções integrantes”, os autores fornecem:

As CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS (..) INTEGRANTES introduzem orações substantivas.

(..)

8. INTEGRANTES (servem para introduzir uma oração que funciona como SUJEITO, OBJETO DIRETO, OBJETO INDIRETO, PREDICATIVO, COMPLEMENTO NOMINAL ou APOSTO de uma outra oração). São as conjunções *que* e *se*:

Não sei, sequer, **se** me viste,

Não vou jurar **que** me vias. (J. Régio, *F*, 54)

(Cunha & Cintra, 2001, p.586-9)

Com este cruzar de definições, afirma-se uma contradição indissolúvel: se conjunções subordinativas integrantes introduzem orações substantivas, e se tais exercerão as funções de “sujeito, objeto direto, objeto indireto, predicativo, complemento nominal ou aposto”

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

(percebam os leitores a conjunção “ou” ao final da enumeração, indicando que são *estas, e somente estas*, as alternativas existentes), não há, por conseguinte, outras orações substantivas em português; mas, conforme visto mais atrás, não é isto que os autores afirmam ao tratar da sintaxe do período composto. Como se explicaria tal contradição notável em termos? Uma vez que os autores forneceram apenas um exemplo da presumível oração, com pronome “quem”, uma busca de sua ocorrência em outras seções do capítulo sobre pronomes revelou:

Os PRONOMES RELATIVOS assumem um duplo papel no período com representarem um determinado antecedente e servirem de elo subordinante da oração que iniciam. Por isso, ao contrário das conjunções, que são meros conectivos, e não exercem nenhuma função interna nas orações por elas introduzidas, estes pronomes desempenham sempre uma função sintática nas orações a que pertencem. Podem ser:

(..)

. AGENTES DA PASSIVA:

– Sim, sua adorável pupila, a quem amo, a quem idolatro e **por quem** sou correspondido com igual ardor! (A. Azevedo)

[*por quem* = agente da passiva do verbo *corresponder*]. (Cunha & Cintra, 2001, p. 344-5)

Essa ocorrência revela a possibilidade de “quem” exercer a função sintática de agente da passiva, mas, na oração fornecida como exemplo, ele, como pronome relativo, reporta-se necessariamente a um termo antecedente, no caso, “pupila”, o que não interessaria aqui, pois tal procedimento é próprio, não de orações subordinadas substantivas, e sim de orações subordinadas adjetivas, que “vêm normalmente introduzidas por um PRONOME RELATIVO, e exercem a função de ADJUNTO ADNOMINAL de um substantivo ou pronome antecedente” (Cunha & Cintra, 2001, p. 601). Retomando-se o presumível exemplo de oração subordinada substantiva agente da passiva, “As ordens são dadas por quem pode”, não há de fato antecedente formalmente separado com que “quem” relacionar-se-ia. Mas, ainda sobre os pronomes relativos, há uma outra passagem relevante:

Os PRONOMES RELATIVOS *quem* e *onde* podem ser empregados sem antecedente em frases como as seguintes:

Quem tem amor, e tem calma,

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Tem calma... Não tem amor... (A. Tavares, *PC*, 81.)

Passeias **onde** não ando,

Andas sem eu te encontrar. (F. Pessoa, *QGP*, no. 47.)

Denominam-se, então, RELATIVOS INDEFINIDOS.

(..) Nestes casos de emprego absoluto dos RELATIVOS, muitos gramáticos admitem a existência de um antecedente interno, desenvolvendo, para efeito de análise, *quem* em *aquele que*, e *onde* em *no lugar em que*. Assim os exemplos citados se interpretariam:

Aquele **que** tem amor...

Passeias **no lugar em que** não ando...

(Cunha & Cintra, 2001, p. 346)

Com esta passagem, o exemplo agora se harmoniza. Assim:

As ordens são dadas por *quem* pode.

Interpreta-se como:

As ordens são dadas por *aquele que* pode.

Tal procedimento elucidada, ainda, várias passagens, de outro modo problemáticas, apontadas pelos autores:

Na língua contemporânea, *quem* só se emprega com referência a pessoa ou a alguma coisa personificada:

Feliz é **quem** tiver netos

De **quem** tu sejas avó! (F. Pessoa, *QGP*, no. 118)

A mim **quem** converteu foi o sofrimento. (Coelho Neto, *OS*, I, 105.)

(Cunha & Cintra, 2001, 350)

Da passagem acima, todos os exemplos se convertem sem dificuldade:

Feliz é *aquele que* tiver netos

Daquela [de] que tu sejas avó! ...

A mim, *aquele que* converteu foi o sofrimento. ...

Portanto, conforme os autores, “quem”, na condição de relativo indefinido, e equivalendo a “aquele que”, pode ser empregado sem antecedente, sendo isto um caso particular de pronomes relativos. Mas então, não existe, de fato, oração subordinada substantiva agente da passiva, sendo o exemplo apontado pelos autores um simples caso de relativo indefinido exercendo função sintática de agente da

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

passiva. No entanto, cabe a pergunta: pode-se analisar sintaticamente, de igual forma, a oração com “quem” e seu equivalente com “aquele que”? Embora aparentemente casual, tal pergunta se reveste de particular importância, de vez que, embora “indissolúvelmente ligados” na formulação do sentido, formas e significações verbais não são menos destrincháveis por análise” (Tamba-Mecz, 2006, p. 51). Assim, se, em *As ordens são dadas por aquele que pode*.

A análise sintática não oferece dificuldade:

Oração principal: *As ordens são dadas por aquele*;

Oração subordinada adjetiva restritiva: *que pode*;

Sujeito OP: *As ordens* (simples);

Adjunto adnominal: *As*;

Núcleo do sujeito: *ordens*;

Predicado OP: *são dadas por aquele* (verbal);

Núcleo do predicado: *são dadas* (locução);

Conector nominal subordinativo: *por*;

Agente da passiva: *aquele*;

Sujeito OSAR: *que*;

Predicado OSAR: *pode*;

O mesmo não poderá, entretanto, ser dito a respeito de:

As ordens são dadas por quem pode.

Desprezadas as ocorrências iguais à oração anterior, resta, antes de tudo, saber se seria pertinente atribuir a “quem” o papel sintático que, em “aquele que”, cabe a “que”, e considerar como termo oculto o papel sintático que, em “aquele que”, cabe a “aquele”. Em outras palavras, a equivalência abaixo descrita verificar-se-ia?

Agente da passiva (OP)	sujeito (OSAR)
aquele (oculto)	que quem

É, sem dúvida, uma hipótese interessante. Mas infelizmente,

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

ao contrário do que Cunha & Cintra afirmam, não é possível analisar assim a frase por dois motivos: um termo dito “oculto” só se verifica se sua presença é, em termos sintáticos, uma redundância, produto de um dado categórico (ex.: posso ocultar pronomes pessoais, pois a forma verbal já me informa as categorias de número e pessoa) ou constituinte (ex.: “Vou ao cinema e Maria também”, isto é, Maria também “vai ao cinema”) já informado. Ora, simplesmente não há termo algum a se ocultar aqui, dado que tanto “o quem” quanto “aquele quem” configuram formas agramaticais em língua portuguesa. Neste caso, as duas funções, tanto a de agente da passiva (OP) quanto a de sujeito (OSAR) recairiam sobre “quem”, mas isto também não é possível, pois, conforme assinala Ducrot:

(..) admite-se que a frase, tomada globalmente, tem uma finalidade, e que cada constituinte distingue-se dos outros pela parte que toma na realização da referida qualidade. Como num organismo biológico ou social, cada membro da frase traz, supostamente, sua contribuição específica para a realização da tarefa coletiva. (Ducrot, 2007, p. 200a)

Em outros termos: a cada membro da frase, no nosso caso, período composto, deve caber uma, e apenas uma, “contribuição específica”, ou seja, uma função sintática. Ora, no estado atual da oração discutida, as duas funções (agente da passiva OP/ sujeito OSAR) recaem sobre “quem”, o que configura uma anomalia sintática, o mesmo ocorrendo com todos os exemplos dados pelos autores a respeito da substituição de “quem” por “aquele que”. Isto se verifica também em certas estruturas de voz ativa com outras funções sintáticas em jogo, como:

Vejo quem me ama.

Ou:

Quem ama, não magoa.

Em suma: não apenas a existência de oração subordinada substantiva agente da passiva não se justifica, como o recurso ao “relativo indefinido” não soluciona o problema sintático de “quem” e-quivalente semântico (mas não sintático) de “aquele que”. Diante de tal quadro, com a refutação da oração em exame, resta propor uma alternativa, ao menos em caráter provisório, para o problema.

REFLEXÕES PARA UMA ALTERNATIVA SINTÁTICA
A ORAÇÕES COM CONECTOR RELATIVO INDEFINIDO

Para solucionar o problema, proponho, inicialmente, uma reflexão a partir do seguinte quadro das orações subordinadas desenvolvidas em português:

Or.	conectivo	exerce FS	exerce FS
Subord. ->	próprio ->	na OS	na OP
Substantiva	conjunção integrante	NÃO	NÃO
Adverbial	demais conjunções subordinativas	NÃO	NÃO
Adjetiva	pronome relativo	SIM	NÃO

O quadro acima permite, inicialmente, mostrar que orações como:

O jogador viu *quem lhe devia dinheiro*.

No fundo, tenho pena *de quem me prejudicou*.

É perverso *quem ri da desgraça alheia*.

Não constituem, legitimamente orações subordinadas substantivas, pois seu elemento conector “quem” exerce função sintática nelas (sujeito). Basta confrontá-las com:

O jogador viu *que alguém lhe devia dinheiro*.

No fundo, tenho pena *de que alguém me tenha prejudicado*.

É perverso *que alguém ria da desgraça alheia*.

Em tais casos, os conectores não exercem função sintática alguma nas orações subordinadas; nos três casos, são conjunções integrantes a ligar as subordinadas substantivas à principal. Retomando o quadro que propus acima, percebemos que ele harmoniza com esta análise: se, com efeito, a oração é subordinada substantiva desenvolvida, seu conectivo próprio é uma conjunção integrante, e esta não exerce função sintática (FS) nem na oração subordinada (OS), nem na principal (OP). Analogamente, sempre conforme o quadro, uma oração subordinada adverbial terá uma outra conjunção subordinativa qualquer (ou seja, adverbial, se me perdoam a redundância), que também não exerce função sintática nem na subordinada, nem na principal. Quanto às adjetivas, a situação é um pouco diferente: elas têm também seu conectivo próprio, os pronomes relativos, e estes

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

exercem função sintática na subordinada, embora não o façam na principal.

Cabe aqui, no entanto, a seguinte questão: por que incluí no quadro a quarta coluna, a respeito de se o conectivo próprio exerce função sintática na oração principal? Afinal, nos três casos de oração subordinada considerados, em nenhum deles o conectivo próprio exerce função sintática na oração principal, o que elimina, evidentemente até aqui, seu aspecto funcional. No entanto, retornando finalmente às orações anteriores, percebemos inicialmente dois fatos incontestes: 1º) o conectivo é sempre um pronome relativo indefinido, para usarmos a terminologia proposta em Cunha & Cintra; 2º) ele sempre exerce função sintática na oração subordinada. Portanto, tal oração é de um tipo adjetivo, consonante, aliás, com o equivalente semântico “aquele/a que” (pron. + p. rel.), cujo segundo termo é sempre um pronome relativo. Mas, no caso do conector relativo indefinido, sempre em conformidade com seu equivalente semântico, vê-se que sua sintaticidade não se restringe à oração subordinada adjetiva apenas, ela se distribui igualmente na oração principal. Ou seja:

Quando, numa estrutura subordinada desenvolvida, o conector é um relativo indefinido, dois fatos se concluem: 1º) a oração por ele introduzida é adjetiva, pois ele exerce função sintática nela e ela, por sua vez, o qualifica; 2º) sua sintaticidade se distribui na oração principal, em relação à qual ele exerce função sintática. Em tais casos, portanto, haverá oração subordinada adjetiva distributiva, ou apenas distributiva, e o quadro proposto anteriormente, com seu acréscimo assim fica:

Or.	conectivo	exerce FS	exerce FS
Subord. ->	próprio ->	na OS	na OP
Substantiva	conjunção integrante	NÃO	NÃO
Adverbial	demais conjunções subordinativas	NÃO	NÃO
Adjetiva	pronome relativo	SIM	NÃO
Distributiva	relativo indefinido	SIM	SIM

Com isto, a quarta coluna, por marcar oposição, torna-se, agora, funcional. Voltando à análise sintática, agora à guisa de fechamento, retomo a anterior oração, vista atrás:

As ordens são dadas por quem pode.

Temos duas orações. Para saber de que tipo são, interpretamo-as e percebemos que o sintagma (no sentido martinetiano) *por*

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

quem pode, em seu conjunto, exerce função sintática na oração anterior, e esta é uma função de agente da passiva; mas este conjunto todo é introduzido, afinal, por um pronome relativo indefinido. Cabe, no entanto, refinar um pouco a definição de Cunha & Cintra em ponto crucial: em vez de falar, aqui, em “antecedente oculto”, creio ser preferível, de vez que já compreendemos o caráter distributivo de tal pronome, preservar o valor morfemático de seu antecedente (que não pode ser redundante em relação ao relativo, e não pode, pois, ser oculto), e cuidar que a existência sintática de um pronome relativo indefinido presuma antecedente morfema zero. Assim:

Oração principal: *As ordens são dadas por*;

Oração subordinada adjetiva distributiva: *quem pode*;

Sujeito OP: *As ordens* (simples);

Adjunto adnominal: *As*;

Núcleo do sujeito: *ordens*;

Predicado OP: *são dadas* (verbal);

Núcleo do predicado: *são dadas* (locução);

Conector nominal subordinativo: *por*;

Agente da passiva: \emptyset ;

Sujeito OSAR: *quem*;

Predicado OSAR: *pode*.

Com isso, a cada termo corresponde uma única função sintática, e recuperamos, também, a equivalência semântica:

Agente da passiva (OP)	sujeito (OSAR)
aquele	que
\emptyset	quem

CONCLUSÃO

Apesar de suficientemente cuidada em muitos pontos, a nomenclatura sintática da língua portuguesa possui ainda alguns aspectos que estão ainda a requerer um exame mais detalhado. Sendo este

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

trabalho não mais que uma refutação (que creio ter demonstrado) e uma proposta de interpretação (ainda sujeita a novos exames e críticas, que fique bem entendido), espero, com ele, ao menos despertar atenção para o problema específico da então chamada oração subordinada substantiva agente da passiva, e para a questão mais geral, e igualmente fascinante, da sintaxe portuguesa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3ª ed. rev. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DUCROT, Oswald. Funções sintáticas. **In:** DUCROT, Oswald & TODOROV, Tzvetan. *Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem*. Trad. Alice Kyoko Miyashiro, J. Guinsburg, Mary Amazonas Leite de Barros & Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Perspectiva, 2007.

TAMBA-MECZ, Irène. *A semântica*. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2006.